

Revista Brasileira de Comércio Exterior

# RBCCE

A revista da FUNCEX

Ano XXXVIII

158

Janeiro,  
Fevereiro e  
Março de  
2024

## NOVA INDÚSTRIA BRASIL

### Relações Econômicas Brasile e China



Imagem de Christo Atreshev por Pixabay

**FUNCEX**

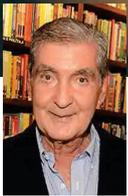


fundação  
centro de estudos  
do comércio  
exterior

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

**EDITORIAL****2 Cenários para 2024-2025***Miguel Lins***ENTREVISTA****4 Gustavo Amaral***Presidente da Fundação Severino Sombra***COMENTÁRIO INTERNACIONAL****12 Nona economia do mundo, mas podemos ir além***George Vidor***MARCA-BRASIL****14 Música no Museu, um elo na divulgação internacional do Brasil***Sergio Costa e Silva***PERSPECTIVAS ECONÔMICAS****19 O Brasil e o G20***Paulo Roberto de Almeida***22 Riscos geopolíticos: a instabilidade dos mercados de energia permanece em 2024***Luis Augusto Medeiros Rutledge***RELAÇÕES ECONÔMICAS BRASIL E CHINA****26 Fortalecendo laços comerciais: o papel das instituições no comércio bilateral Brasil-China***Alexandre Coelho e Rafaella Mello***36 Uma nova cultura exportadora para a China***Thais Moretz Sohn Fernandes***NOVA INDÚSTRIA BRASIL****44 Nova Indústria Brasil: uma avaliação crítica da nova política industrial brasileira***Andre Nassif***56 Redução de custos e agilidade no comércio exterior brasileiro na Base da Indústria de Defesa e de Energia Nuclear à serviço da Neointustrialização***Frederico Teixeira***64 Sugestões para missão orientada para inovar e exportar dispositivos médicos do Brasil***Abdul Temporário*

# Música no Museu, um elo na divulgação internacional do Brasil



Sergio da Costa e Silva

Sergio da Costa e Silva  
é criador e diretor de Música no Museu; presidente do Conselho de Cultura da Associação Comercial do Rio de Janeiro e membro do Conselho Superior da Funcex

Criei em 1997 e dirijo há quase 27 anos o Música no Museu, hoje patrimônio cultural imaterial do Rio de Janeiro – uma série de concertos gratuitos de música em museus, centros culturais, igrejas, palácios e bibliotecas.

Ao se falar em concertos de música, normalmente se pensa em plateias diferenciadas e teatros imponentes, dedicados a esse tipo de evento. Assim também costumava ser a ideia predominante no Brasil a respeito de museus: espaços culturalmente importantes, frequentados por uma minoria da população.

Música e museus eram vistos como instituições com atividades e objetivos completamente distintos entre si. Porém, alguns museus de maior expressão no mundo – como Metropolitan, MoMA e Guggenheim (Nova Iorque), Louvre, Picasso e Montmartre (Paris), Gulbenkian (Lisboa), Prado (Madrid) e vários outros – dedicam amplos espaços à música a partir de suas atividades principais, com recitais abertos ao público.

Assim surgiu a ideia de um projeto cultural no Brasil, o Música no Museu, que iniciou a sua trajetória em 1997, tornando-se presença marcante na vida cultural brasileira, ao longo de mais de 26 anos de programação ininterrupta, com centenas de concertos anuais em todo o país, que tiveram repercussão internacional e passaram a acontecer também em outros países, de todos os continentes.

Embora a inspiração tenha vindo do exterior, Música no Museu passou a trilhar aqui um caminho próprio, de pluralidade e diversidade, elementos característicos da própria formação da cultura brasileira. Essa tendência se manifestou desde o início, com a integração da música às artes plásticas e ao próprio cenário arquitetônico de cada museu, de cada centro cultural, muitos deles construídos nos séculos XVIII e XIX, ou no início do século XX, e que, em sua grande maioria, retratam etapas e épocas da história do Brasil.

Outra característica importante do projeto brasileiro de levar a música aos museus tem sido a diversificação dos gêneros musicais, apresentando não só a música clássica como também a popular. A programação sempre busca privilegiar a música de boa qualidade, sem distinção de procedência, escola ou época. A obra de grandes compositores, da música medieval aos clássicos, dos românticos aos modernos. De Bach, Beethoven, Mozart e Debussy, a Villa-Lobos, Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth. De Pixinguinha e Gershwin, a Astor Piazzolla. Sempre com a interpretação dos melhores artistas nacionais e internacionais, inclusive os jovens talentos da música clássica.



Imagem de PublicDomainArchive por Pixabay

O posicionamento de pluralidade vai muito além do repertório, na medida em que participa efetivamente da vida da comunidade, oferecendo inéditas oportunidades de entretenimento em vários pontos do Rio e das cidades onde sua programação se desenvolve. Tudo isso com um detalhe importantíssimo: enquanto lá fora o ingresso para esse tipo de concerto é quase sempre pago, e custa caro, aqui é gratuito, graças às leis de incentivo à cultura.

Além disso, a série ganhou brilho próprio, estabelecendo-se também em parques, jardins, palácios, igrejas, e até em quadras de escola de samba, clubes e diversos outros locais, como a Ilha Fiscal, a estação da Central do Brasil, fazendas do Vale do Café entre Paulo de Frontin e Vassouras, sempre ressaltando aspectos históricos desses locais, mas tendo como tônica um diálogo mais próximo entre artista e público.

E por que tudo isso se liga aos propósitos da Funcex?

Música no Museu não se contentou em permanecer dentro das fronteiras cariocas, iniciando em 2002 um processo de expansão, sempre com enorme sucesso de público, locais cheios, frequentadores assíduos e apoio da crítica e da mídia impressa e eletrônica. Assim come-

çou uma escalada que hoje contempla mais de 80 espaços no Brasil e muitos outros no exterior.

A questão da pluralidade ganha dimensão ainda maior quando reforçada pela inclusão. Melhor dizendo, pluralidade e diversidade não se sustentam sem inclusão, conforme conclui um recente artigo da Harvard Business Review sobre estes conceitos.

Além da construção de ambientes plurais, em que há espaço para todos, é importante que haja uma efetiva mudança da cultura nas organizações e na sociedade como um todo. As práticas inclusivas estão essencialmente associadas à mudança de mentalidade e à adoção de comportamentos alicerçados em uma cultura de direitos humanos, que não comporta privilégios na educação, na saúde, no mercado de trabalho, na cultura e tudo o mais.

Como disse o saudoso crítico musical e membro da Academia Brasileira de Letras, Luiz Paulo Horta, a respeito do projeto Música no Museu,<sup>1</sup>

*um aspecto importante da série, além da gratuidade oferecida em todos os concertos, é o contato permanente com as escolas, o que tem duas vantagens: garantia de público e formação de novas plateias. São êxitos que merecem registro, num momento de profundas transformações culturais, em que a mídia eletrônica avança sobre as formas tradicionais de produção artística.*

Se, por um lado, a formação de plateias já fazia parte do projeto Música no Museu desde o seu formato inicial, mostrou-se necessário também dar espaço a grupos representativos de uma diversidade de expressões musicais que normalmente não atuavam no circuito de concertos, e, mais ainda, propiciar a formação de novos músicos oriundos de comunidades carentes.

“

Hoje, com mais de 26 anos de atividades ininterruptas, Música no Museu destaca-se no panorama cultural brasileiro e coleciona expressivos prêmios e honrarias nacionais e internacionais

”

<sup>1</sup> Costa e Silva, Sérgio. 2013. Música no Museu, 15 Anos depois. Editora Carpex.

Portanto, além da presença de orquestras de peso, como a Sinfônica Brasileira (OSB), a OSB Jovem e a Rio Camerata, Música no Museu também passou a dedicar espaço para grupos menores ou menos prestigiados até então, mas não menos expressivos, e de grande relevância, como a Camerata Uerê (da comunidade da Maré), Violões do Forte (do Pavão-Pavãozinho), Orquestra de Música da Rocinha, Ação Social pela Música (Chapéu Mangueira e Alemão, entre outras), Orquestra de Ukeleles (UFRJ), Orquestra de Pandeiros, composta por instrumentistas de diversas regiões da cidade, e outros projetos de inclusão social por meio da arte, além de movimentos folclóricos como a Congada (Quintino Bento e Primeira Escola de Congo de São Benedito do Erê), do interior de São Paulo.

Merece destaque a total inclusão de músicos sem qualquer distinção de origem social, etnia, credo e, no público, o estímulo à participação de pessoas com deficiências físicas ou visuais, inserindo Libras em seus programas e também fazendo concertos em hospitais e no Instituto Benjamim Constant. Portanto, cultura para todos.

Na continuidade desse tipo de programação, a ligação do Música no Museu com as comunidades vem se estreitando cada vez mais. Foram muitos concertos no decorrer dos anos, com um público que se amplia consideravelmente, até porque os próprios familiares e convidados dos músicos fazem questão de assisti-los.

Essa série de apresentações culminou com um concerto inédito em dezembro de 2022, no Palácio Itamaraty, no Rio de Janeiro. Enriquecendo ainda mais o evento, os músicos virtuosos franceses Dominique de Willencourt e Jean Fernandis tocaram ao mesmo tempo, no Palácio de Versalhes, em transmissão on-line.

## RESULTADOS CULTURAIS E SOCIAIS

Nessa mesma linha, são dignos de registro outros eventos especiais criados no escopo do projeto Música no Museu, como o Concurso Jovens Músicos, o espetáculo Brinquedos Cantados, além dos programas Oficina de Cantoria +60 e Sons do Brasil.

O Concurso Jovens Músicos tem por objetivo incentivar e promover oportunidades para os jovens que almejam uma carreira profissional no campo da música clássica. Um verdadeiro investimento cujo resultado é a revelação de novos talentos. E sempre recebemos bons apoios, como a divulgação pela Rádio MEC e a oferta de uma bolsa de estudos na centenária universidade norte-americana James Madison University.

Nas várias versões já realizadas desse concurso, concorreram cerca de 200 jovens músicos de todo o Brasil, embrião da Orquestra Jovem Música no Museu, que hoje desenvolve sua vida própria, além de fazer parte regularmente da sua programação.

Esse *mix* entre os mais experientes e de expressão internacional e os novatos – recrutados por meio de contatos com a Escola de Música da UFRJ, o Conservatório Brasileiro de Música, a Proarte, a Academia Nacional de Música, a Academia Brasileira de Música, a Escola Villa Lobos, a Unirio e outras escolas de música de várias cidades, e tantos outros especialistas – se refletiu na excelente acolhida por parte da crítica.

E para o público infantil, uma importante iniciativa do projeto Música no Museu foi o espetáculo teatral-musical Brinquedos Cantados, elaborado em parceria com vários projetos, especialmente o Núcleo de Cultura Popular Céu na Terra, a partir da experiência pedagógica de seus integrantes em inúmeras instituições de ensino.

São histórias, danças e brincadeiras da cultura brasileira utilizando-se de bonecos, máscaras e elementos visuais, entre outras surpresas que sempre encantam a todos, incorporando em suas apresentações elementos ligados à cultura brasileira regados a música, dança e folguedos.

Trata-se de uma atividade lúdica iniciada ao som de músicas de mestres populares, seguindo-se com histórias e brincadeiras de roda, quando o personagem Pai Francisco entra e dança com a boneca gigante Catirina. À medida que a brincadeira se desenvolve, aparecem outros personagens do folclore brasileiro, como o Boi Estrela, os Jaraguás, o Cavalinho, a Estrela, o Tamanduá, o Saci e o Cazumbá, que se apresentam e interagem com o público.

Para as pessoas acima de 60 anos, o programa Oficina + 60 tem o objetivo de promover uma vivência do canto coral com atividades de estimulação da memória, ativação motora dupla tarefa, e ainda promover exercícios de respiração, *mindfulness*, estado de consciência e a prática do canto coletivo com a harmonia vocal.

A cada ano da realização desse projeto, ampliam-se os benefícios que são observados em 16 sessões de prática, observando-se melhora na motivação, equilíbrio de marcha, autoestima e controle da ansiedade, bem como o aumento da autorrealização e da integração social dos participantes.

São realizadas atividades musicais e vídeos com todos os interessados, seja presencialmente ou por meio do canal

do WhatsApp, do Youtube e da plataforma Zoom. Os alunos não precisam ter nenhuma experiência anterior com canto. Também não precisam possuir computador, porque as oficinas podem ser realizadas pelo celular. O número de vagas nas turmas presenciais é limitado a 40 pessoas, mas não há limite nas atividades on-line.

O programa oferece gratuidade de vagas, atingindo até 480 pessoas com mais de 60 anos, em um semestre de aulas semanais, e segue o modelo do Música no Museu. A Oficina de Cantoria +60 vem sendo realizada com base em atividades de canto e atividades motoras leves. A coordenação do projeto é da professora Crismarie Hackenberg, regente e neuroeducadora, doutoranda em Educação pela UFPR, na linha de cognição, aprendizagem e desenvolvimento humano. O programa está inserido no Grupo de Pesquisa de Envelhecimento Humano (GPEH), sob orientação da professora dra. Gislaïne Vagetti (UFPR/Unespar).

É importante mencionar também o programa Sons do Brasil, significativo evento que busca ressaltar e resgatar as tradições musicais do nosso país em todas as suas influências indígenas, africanas e europeias. Em contraponto ao foco principal do projeto Música no Museu, voltado inicialmente para a música clássica, Sons do Brasil é uma viagem musical pelas diversas regiões do país. Com a interpretação musical, uma rica coreografia reproduzindo os aspectos regionais encanta o público em cada apresentação.

## **DIVERSIDADE MUSICAL TAMBÉM NA HARPA E NOS SOPROS**

A harpa, um dos mais antigos e belos instrumentos musicais da humanidade, com uma história de mais de 5.500 anos, passou a ser mostrada a um público que, ano a ano, acompanha o RioHarpFestival – Festival Internacional de Harpas. Já em sua 18ª versão (2023), o Festival incluiu o Brasil, com grande destaque, no cenário internacional desse instrumento, gerando um intercâmbio expressivo com os maiores harpistas mundiais.

Apresentando os vários tipos de harpa, o vasto repertório do RioHarpFestival inclui desde a música antiga e os clássicos europeus até os sons contemporâneos do rock, inclusive o heavy metal, passando pelos ritmos brasileiros clássicos, como o chorinho e a bossa nova, além dos ritmos latino-americanos, o fado português e tantos outros que enriquecem o cenário musical mundial.

Sua trajetória registra fatos inusitados, como a presença de Michel LeGrand, que veio com a esposa, Catherine

Michel, uma das grandes harpistas mundiais, e tocou junto com ela em memorável concerto na Sala Cecília Meireles e outros em várias partes do Brasil.

Outro nome digno de registro é Claire Jones, harpista da rainha da Inglaterra, que, 15 dias depois de tocar no casamento de William e Kate, no Palácio de Buckingham, apresentou-se na Comunidade do Pavão-Pavãozinho, no morro Dona Marta, no Palácio da Cidade, e no setor de oncologia pediátrica do Instituto Nacional do Câncer, para crianças e adolescentes. Essa apresentação no Inca antecedeu ao concerto feito por ela em seu retorno a Londres, quando também tocou para crianças doentes em um hospital de lá, conforme notícia registrada na BBC.

O público, que já atinge 30 mil espectadores por edição no Rio de Janeiro, amplia-se para São Paulo (SPHarpFestival) na sua sétima edição e chega também a Brasília (BsbHarpFestival), além de se multiplicar na mídia social.

Na mesma linha, os concertos em Minas Gerais, no Norte e no Nordeste. Assim como o Música no Museu, o Festival de Harpas se propõe a acontecer de norte a sul do Brasil e também no exterior.

Assim como aconteceu com a harpa, o RioWindsFestival, Festival Internacional de Sopros, já em sua 14ª versão, reúne artistas de renome mundial e os brasileiros mais expressivos nos instrumentos de sopro, além de jovens talentos, proporcionando-lhes um intercâmbio de experiências e de grande agrado do público.

Esse Festival tem o propósito de popularizar os instrumentos de sopro, sua história e sua evolução ao longo de muitos séculos, desde os homens primitivos que, soprando ossos e bambus, descobriram que podiam emitir sons similares ao cantar dos pássaros.

Trata-se de um programa de qualidade, que tem a participação também de orquestras e músicos de comunidades em projetos de inclusão social ali realizados, cuja repercussão é ampliada pela utilização da mídia social integrada ao evento, o que lhe confere maior amplitude e repercussão.

## **TRAJETÓRIA CONSOLIDADA**

Hoje, com mais de 26 anos de atividades ininterruptas, Música no Museu destaca-se no panorama cultural brasileiro e coleciona expressivos prêmios e honrarias nacionais e internacionais. Com crítica e mídia generosas, o sucesso do projeto se traduz em um público que já ul-

trapassa 1 milhão de espectadores e que vai dos estudantes de ensino médio nas escolas públicas até a terceira idade, perpassando todos os estratos sociais.

Em todos esses anos, o Música no Museu nunca teve um concerto cancelado, mesmo por motivos de força maior, como greves ou a recente pandemia, pois conseguiu alternativas que viabilizaram a execução, sem sofrer qualquer interrupção nos seus eventos agendados. Durante a pandemia, por exemplo, criou o álbum Música no Museu Internacional in Concert, com a participação dos músicos Arthur Moreira Lima, João Carlos Assis Brasil, Maria Helena Andrade e Licia Lucas, entre outros, que foi distribuído nas embaixadas do Brasil em países de língua portuguesa e alcançaram um grande universo. E, no Brasil, obteve grande repercussão na mídia social, com milhares de acessos.

O seu objetivo maior vem sendo alcançado, ao promover uma efetiva integração com as atividades dos museus e centros culturais, fortalecendo-as e incorporando a cultura em seus vários segmentos. Dessa forma, o diálogo flui entre artistas e público, sempre ávido em ampliar seus conhecimentos.

Outra peculiaridade do projeto é valorizar os compositores brasileiros contemporâneos com a interpretação de suas obras, paralelamente aos nomes já consagrados. Os compositores retribuem, muitas vezes, comparecendo aos concertos e aproximando-se de seu público numa troca extremamente enriquecedora.

A política cultural desenvolvida pela série, convidando turmas de escolas – e não têm sido poucas – permite que se aprimore o gosto musical dos jovens. Por outro lado, o público da terceira idade encontrou na série um momento de desenvolvimento pessoal da maior importância. Muitos fizeram amigos com a presença constante nos concertos, como também desfrutaram da proximidade com os artistas, podendo cumprimentá-los e até conversar com eles após as apresentações.

Nesse cenário, a programação do Música no Museu pode ser considerada, ao longo dos anos, um dos mais consistentes movimentos musicais da cidade onde o projeto nasceu, tornando-se a maior série de música clássica do Brasil, reconhecido pelo RankBrasil, a versão brasileira do Guinness Book. Seus números são impressionantes, chegando a mais de 500 concertos por ano, de norte a sul do Brasil, ocupando cerca de 2.500 músicos/ano, além de sua vertente internacional, e contribuindo relevantemente para a difusão cultural. Ampliou o número de lugares para concertos, inclusive em horários que

normalmente não são programados para esse tipo de apresentação, como 12h30, por exemplo, oferecendo às pessoas a oportunidade de aproveitarem o intervalo de almoço para uma atividade cultural de alto nível.

## FINALMENTE A PROPOSTA

Apoiado nesses resultados do projeto, em que pese o seu escopo ser muito pontual e artesanal, a ideia é ampliá-lo utilizando-se da cultura e, em especial, da nossa música inicialmente, como instrumento de elo às iniciativas comerciais do Brasil. Tomo como base as experiências de idas a cidades de países de todos os continentes, de eventos especiais e pontuais como a comemoração dos 25 anos das relações Brasil-Vietnam, as comemorações dos 725 anos em 2015 e 730 anos em 2020 da Universidade de Coimbra, os concertos no Carnegie Hall – *Brazilian Music from Villa-Lobos to Tom Jobim* – e no Museu de Arte Moderna de Los Angeles, do primeiro concerto de música brasileira no Museu Guggenheim em Bilbao etc. e que levaram, como nos outros eventos em muitos países, a música e o músico brasileiro para o exterior.

E como isso se amplia? Com a inserção de programas culturais em nossas missões comerciais. Para tanto será fundamental o apoio das embaixadas do Brasil e seus consulados nas várias cidades-foco dos eventos. Acionando os seus adidos culturais e as suas estruturas sob a coordenação do Departamento Cultural do Itamaraty, seriam traçadas as diretrizes desse apoio, que poderia contar, também, com um suporte da Apex-Brasil, entidade voltada para a promoção comercial do Brasil.

Várias estratégias poderiam ser montadas, seja a pré-seleção de espaços adequados aos eventos comerciais e suas características e, paralelamente, um elenco de músicos no Brasil que poderiam desenvolver um programa voltado para a difusão de nossa música, enfim de nossa cultura. Outra também de grande apelo, seria aproveitar a grande quantidade de músicos brasileiros em mestrado, doutorado, ou mesmo se apresentando com sucesso no exterior, e lhes oferecer a oportunidade de se ligarem nesse esforço. Estaríamos dando-lhes oportunidades, ampliando os seus currículos e, ao mesmo tempo, reduzindo custos de passagens aéreas, *transfers* e caches. Todos ganhariam.

Este seria o primeiro estágio e, na sequência, ampliando-se a todos os focos culturais do país.

Essa integração comercial-cultural ampliaria a repercussão da estratégia de comercialização de nossos produtos desenvolvida pela Funcex.